

Patrícia Lavelle\*

Letras, PUC-Rio

## Quando os destroços de meu coração foram dar na praia.

Percurso ensaístico com poemas de *Sombras longas*<sup>1</sup>

### Origem

No início de tudo era um ritmo  
e a refração acústica  
daquela voz  
no líquido já existente  
antes disso  
que se distingue de tudo:  
esse ritmo  
que me precede  
e permanece desperto  
quando adormeço

*Antes, bem antes da voz, desta voz que abarca a amplitude vaga e informe do fluxo em frases articuladas, havia já o ritmo líquido e constante, seus duplos e ecos. Mas desse tempo sei só o que imagino, e o que escuto por dentro, em meus ruídos.*

Um ritmo  
agita fluidos íntimos  
e cresce sob a plástica acústica das palavras  
estica, líquido, a sua pele elástica  
até romper parir

criar

*Esse ritmo que ausculto, escutei também em teu corpo numa tarde na praia, num tempo ensolarado de verão que ecoava escoava no silêncio de nossos rumores marítimos.*

*Juntos no barco estreito, em algum ponto entre as quatro datas que nos circunscrevem, derivamos.*

*O amor foi um lindo naufrágio que se declina sempre no presente.*

## Onde

Encosto a cabeça no teu peito  
e ouço o imenso  
horizonte líquido do tempo

Neste mesmo gesto  
escuto e entendo: pergunto

o corpo é barco e oceano

onde o marinheiro?

*Depois do verão intenso e curto, veio a longa temporada do receio, e nós também estivemos exilados no íntimo.*

## 22 de abril de 2020

Lá fora o dia azul  
traz os jornais  
e seu lote de mortos.

Encolho-me aqui no meu  
canto  
mais triste.

Sei que o mal  
está no ar fresco  
desta manhã luminosa

mas as mortes cotidianas não  
me convencem.

Como acreditar Naquela que  
me espera?

### 26 de outubro

Ele saiu de novo pra fazer compras  
eu passei o dia dentro do quarto  
e ainda não voltei do trabalho

### 22 de abril de 2021

Na tela luminosa  
o país é um mapa  
cheio de pontos  
vermelhos

Pixels ardem nos olhos  
mas não vejo  
a fumaça

O país vai ficando  
cada vez mais mapa  
na distância  
o mapa  
cada vez mais vermelho  
na tela

Parece um coração  
pulsando  
Parece um coração  
parando

*“O coração é um misterioso recinto”, disse Ana Hatherly, sobre as fibrilações insistentes do medo. Nele habitamos juntos. Meses e meses de interioridades compartilhadas.*

### Interior burguês

É a ideia da casa  
que te parece  
inadequada  
e tão gasta –  
uma palavra  
que você encontra sempre  
na boca dos outros,  
e não poucas vezes se oferece  
oca  
como um cavalo  
como um presente  
que não pode  
que não se pode  
aceitar.

### Wohnungsgemeinschaft

Na palavra a casa  
e a comunidade na casa  
a casa como habitação  
em comunidade  
hábito de habitar  
em comum.

Na raiz da própria palavra  
no mais próprio da palavra  
a casa, enfim comum?

O lugar comum da casa  
no clichê kitsch da catacrese  
ser ou não ser  
um *ready-made self*?

« *On se sait par cœur* », dizem os franceses.

*A palavra home escrita em corda num hall de hotel em Bordeaux, teu nome de Veneza na minha Calcutá deserta, a piece of beauty, a coisa mais triste, e tudo o que você não disse quando me queixei dos seus silêncios.*

*“Esse comboio de corda”, disse Pessoa, sobre o coração de papel que circula em nossos fingimentos. Gira, brinquedo da razão, que do inventário se faça invenção!*

### **Soneto encontrado num pedaço de prosa**

Andei perdendo coisas que me são  
bem caras: a caneta cuja ponta  
de pena começava a se ajustar  
à minha escrita, aquele cachecol

favorito, a bonita tese sobre  
metáfora, que lia com prazer.  
Tomei algumas notas sobre isso  
pra escrever um soneto. Eu queria

reencontrar esses objetos todos  
na forma circular das quatro estrofes,  
no ritmo repetido, no arcaísmo

das rimas. Mas perdi também o bloco  
contendo essas e outras notas minhas.  
Perdi meu tempo. Acho que foi isso.

*E nos destroços oníricos do soneto, perdi ainda o ritmo arcaico de meus líquidos mais secretos:*

### **O metro e o imenso**

Sonhei que lia um soneto imenso  
no texto arquitetado, denso e tenso  
perdia-me de mim, eu mesma era  
leitura apenas, à deriva, mera

ressaca que retorna na quimera  
duma rima, na espuma do imenso,  
o tempo movediço, denso e tenso,  
em ritmo apenas, à deriva, mera

presença na palavra, grão na voz  
de quando em quando, numa outra era  
a onda que retorna. Essa quimera,

na manhã sem pretexto, voz em foz  
desfez. No extenso, o denso, perco e penso:  
oceano sem contornos, imenso

## NOTAS

\* Patrícia Lavelle é poeta e professora da PUC-Rio, pesquisadora do CNPq. Fez doutorado em Filosofia na EHESP-Paris. Tem livros de ensaio e de poesia publicados no Brasil e na França. Publicações recentes: *Bye bye Babel* (poesia, menção honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte), 7Letras, 2ª ed. 2021/Les presses du réel, 2023. *Walter Benjamin metacrítico: uma poética do pensamento* (ensaios), Relicário edições, 2022.

<sup>1</sup> *Sombras longas* está no prelo (Relicário edições)